

**“CABELO AO VENTO, GENTE JOVEM REUNIDA”¹: UM DIÁLOGO ENTRE
O LAZER E AS JUVENTUDES NA CIDADE DE FORTALEZA-CE**

Recebido em: 11/03/2016

Aceito em: 10/10/2016

*Francisca Rejane Bezerra Andrade*²
Universidade Estadual do Ceará
Fortaleza – CE – Brasil

*Tereza Nair de Paula Pachêco*³
Universidade Federal de Minas Gerais
Belo Horizonte – MG – Brasil

RESUMO: Este artigo analisa as formas de utilização e as estratégias de apropriação dos espaços e dos equipamentos públicos e privados de lazer na cidade de Fortaleza-CE na representação dos jovens que frequentam o Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura - CDMAC. O lazer é entendido como produto da sociabilidade juvenil e expressa uma peculiar e reveladora forma de apropriação do espaço urbano e do agir coletivo. Aqui, o uso dos espaços e equipamentos públicos de lazer assume um viés em suma “negativo”, somado à sua pouca utilização/apropriação. Com isso, deve-se entender o lazer como experiência modificadora de valores e atitudes, de modo que essas vivências se distanciem do uso “negativo” do espaço público pelo jovem. Nesse ínterim, o CDMAC é um local plural que atrai e possibilita o encontro de “diferentes” jovens.

PALAVRAS-CHAVE: Adolescente. Atividades de Lazer. Área Urbana.

**"HAIR TO THE WIND, YOUNG PEOPLE ASSEMBLED": A DIALOGUE
BETWEEN LEISURE AND YOUTH IN THE CITY OF FORTALEZA-CE**

ABSTRACT: This article analyzes the forms of use and appropriation strategies of spaces and public and private facilities for leisure in the city of Fortaleza-CE in the representation of young people in the Dragão do Mar [Sea Dragon] Center for Art and

¹ O excerto da música “Como os nossos pais”, do cantor e compositor cearense Antônio Carlos Gomes Belchior Fontenelle Fernandes, conhecido por Belchior, foi aqui utilizado para evidenciar o espaço aberto/ao ar livre/público/ “**em contato com o vento**”, apropriado pelos agrupamentos juvenis em **reuniões/encontros** nos seus itinerários pela cidade de Fortaleza-CE. Busca-se ainda, com o título, fazer alusão ao Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, local onde se realizou essa investigação.

² Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo. Pós-doutora em Ciências da Educação pela J. W. Goethe Universität Frankfurt - Alemanha. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação e do Mestrado Profissional em Planejamento e Políticas Públicas da Universidade Estadual do Ceará.

³ Discente do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer da UFMG; Membro do Observatório Juventude, Educação Profissional e Trabalho - JEPTRA/UECE e do Grupo de Estudos de Sociologia - Pedagogia do Esporte e do Lazer – GESPEL/UFMG.

Culture (CDMAC). The leisure is understood as a product of youth sociability and expressed a peculiar and revealing form of appropriation of urban space and collective action. Here, the use of public spaces and leisure equipment takes on a bias in short "negative", added their little use/ownership. With this, one must understand leisure as modifier experience of values and attitudes, using these experiences to distance themselves use "negative" of public space by the young. Meanwhile, the CDMAC is a plural place that attracts and enables the meeting of "different" young people.

KEYWORDS: Adolescent. Leisure Activities. Urban Area.

Diálogo Inicial – Juventude, Espaços e Equipamentos Públicos de Lazer

Este artigo busca apresentar análises sobre as formas de utilização e as estratégias de apropriação dos espaços e dos equipamentos públicos e privados de lazer na cidade de Fortaleza-CE, na representação dos jovens⁴ que frequentam o Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura (CDMAC).

Todavia, colocam-se também em análise os seguintes elementos que tangenciam e norteiam o cerne do objetivo do presente estudo: a utilização ou não utilização dos espaços e equipamentos públicos e privados de lazer na cidade de Fortaleza; a discriminação e o preconceito nos espaços públicos e privados de lazer; os jovens no CDMAC; o acesso ao lazer no cotidiano; as práticas de lazer e suas representações; a influência da mídia e da internet nas escolhas das práticas de lazer; os assuntos conversados com os amigos; a participação das práticas de lazer em Fortaleza e o que essa cidade oferece em termos de lazer para o jovem; a participação ou não participação em atividades de cunho artístico-cultural; a importância de mais lugares como o CDMAC na cidade de Fortaleza; e a existência ou não existência de algum

⁴ Entende-se que juventude, por definição, nada mais é do que: “[...] uma construção social, ou seja, a produção de uma determinada sociedade originada a partir das múltiplas formas como ela vê os jovens, produção na qual se conjugam, entre outros fatores, estereótipos, momentos históricos, múltiplas referências, além de diferentes e diversificadas situações de classe, gênero, etnia, grupo etc.” (ABRAMOVAY, 2007, p. 21).

grupo cultural no seu bairro ou na sua comunidade. Tudo isso em conformidade com as concepções apresentadas pelos jovens entrevistados.

Mas o que se constitui por juventude(s)? O que essa categoria expressa? Que possibilidade de análise comporta? Conforme Dayrell (2003), o jovem, na qualidade de sujeito social que é, constrói o seu determinado (e próprio) modo de ser. Contudo, o cotidiano diariamente revela diversas imagens associadas aos jovens. A primeira delas está atrelada à condição de transitoriedade que os jovens assumem, ao ser negado a eles o presente vivido, restando-lhes somente o vir a ser; a segunda imagem é a visão romântica que se vislumbra da juventude, associada ao tempo da liberdade, das experimentações e da irresponsabilidade. Outra tendência está ainda em inseri-los no campo da cultura, de tal maneira que o indivíduo somente assume a sua condição de jovem durante a participação em atividades culturais.

Associadas, essas imagens remetem à concepção da juventude enquanto fase difícil, marcada por conflitos com a autoestima e/ou com a personalidade. Porém, não se pode contestar que todas essas representações pairam sobre o imaginário social quando o assunto é o jovem. Por causa disso, faz-se relevante discutir os modelos juvenis socialmente construídos, que auxiliam na edificação de uma imagem “negativa” e restrita do ser jovem.

Com tal característica, comenta-se que configurar e delimitar a categoria juventude não é algo fácil, posto que ela se constrói histórica, social e culturalmente. Igualmente, propõe-se a dizer que, ao pensar em juventudes, é aconselhável, primeiro, desmistificá-la para além da sua dimensão biológica ou apenas natural; é necessário compreendê-la enquanto um *constructo social* que, por assim ser, modifica-se de acordo com as diferentes culturas. Logo, não há como precisá-la ou delimitá-la. A única forma

de manter aproximações é aventurar-se a interpretá-la pelo entendimento das “pistas” que os jovens deixam em seus emaranhados, em suas trajetórias e seus percursos; nas suas vivências cotidianas e nos seus pertencimentos sociais.

Sabe-se que esse sujeito jovem pertence a determinadas regiões geográficas e condições sociais (classes sociais), culturais (etnias, identidades religiosas, valores) e de gênero, entre outros aspectos, sendo esses fatores pistas para compreender o jovem em sua diversidade. Com isso, afirma-se que nenhuma juventude será igual, dado que cada sujeito é singular, interpreta e dá sentido ao mundo à sua maneira, ao seu modo, ao seu sabor. Cada jovem carrega suas “marcas” específicas e vive estilos de vida diferentes. “É nesse sentido que enfatizamos a noção de juventudes, no plural, para enfatizar a diversidade de modos de ser jovem existentes”. (DAYRELL, 2003, p. 42). Integra essas ideias o que Barbalho (2013) propõe. Para ele:

Há que se levar em consideração as pluralidades juvenis em suas dimensões diacrônicas, ou seja, o que a juventude de uma geração compartilha entre si e, dessa forma, se difere (ou se assemelha à) juventude de outra geração anterior ou posterior. Mas também as diferenças sincrônicas, ou seja, no interior de uma geração, atentando para as clivagens de gênero, étnicas, de classe, regionais, entre outras, que produzem mediações diferenciadas em relação aos novos e velhos meios que estão disponibilizados aos jovens (BARBALHO, 2013, p.15-16).

Portanto, falar da categoria juventudes é aproximá-la da sua imprecisa e inconclusa conceituação. Surge daí a primordialidade de constatar a complexidade que envolve os distintos contextos que perpassam a questão juvenil, uma vez que nem todos os jovens terão acesso às mesmas oportunidades⁵.

⁵ [...] o fato dos jovens comporem o contingente populacional mais vitimizado pelas distintas formas de violência presentes no Brasil; enfrentarem enormes dificuldades de ingresso e permanência no mercado de trabalho; sofrerem impedimentos no acesso a bens culturais; não terem assegurado o direito a uma educação de qualidade e não receberem tratamento adequado no tocante às políticas públicas de saúde e

Por fim, contemporaneamente, parece ser um traço marcante das vivências juvenis a formação de grupos concretos que constroem identidades juvenis diferenciadas de acordo com os símbolos e estilos adotados em cada grupo em particular, inclusive nos casos em que há coincidência étnica, de classe, gênero e localidade (GROPPO, 2000, p. 17).

Nessa situação, segundo Pais (2004), as tribos/os grupos que os jovens integram refletem os atritos sociais (geracionais, classistas, étnicos e outros). Os agrupamentos geram sentimentos de pertencimento, de afirmação identitária, de formação de vínculos, de sociabilidade e interação social. Por isso, os grupos são primordiais para a consolidação da participação cultural dos jovens e para a geração de valores questionadores. Estendem-se os argumentos ao tratar dos percursos dos jovens na cidade.

Os itinerários Juvenis

A cidade não se permite apreender de forma integral e universalizante, torna-se cognoscível em suas múltiplas facetas – ritmos, aspirações, logradouros, monumentos, conflitos, sonhos, edificações, representações culturais, movimentos, identidades, utopias, territórios, memórias, imagens [...] e, por que não, objetos. Elas assinalam a possibilidade de empregar a “cultura material” na constituição de uma história urbana. Ganham singular pertinência por quanto se revertem em indícios de densidade temporal, associam-se a valores sociais, normas e práticas coletivas, expectativas e desejos, projeções de futuro, estratégias de dominação, tensões e lutas de classe, violências simbólicas, enfim construções de significado historicamente engendradas que reportam a cidade como lugar notório da interação social (SILVA FILHO, 2001, p.15 -16).

Procura-se, diante dessa consideração, efetuar cortes [as juventudes e os seus itinerários] dentro de um vasto e multifacetado universo [a cidade]. Ela, a cidade, se define pelas diversas vivências de tempo e espaço que os habitantes constroem durante

lazer, o reconhecimento de seus direitos diz respeito ao seu desenvolvimento integral (direitos civis e sociais), o que é de interesse de todo o conjunto da sociedade, e diz respeito também à valorização da diferença e das identidades coletivas (direitos difusos) (NOVAES, s/d, p.8).

o processo de interação social, no ir e vir. Com esse argumento, salienta-se inicialmente que o espaço físico que constitui a cidade:

Trata-se de um espaço político e social repleto de dimensões simbólicas que se materializam, culturalmente, no cotidiano de nossas percepções, imaginários sociais, identidades, subjetividades, sentimentos, atitudes, visões de mundo, projetos políticos de sociedade, construções intelectuais e modos de intervir em cada contexto (GOMES, 2011, p.2).

É, portanto, no espaço físico que compõe a cidade em que as práticas de lazer e os dilemas da vida cotidiana dos jovens acontecem e ganham vida. Prontamente, pode-se dizer que são inúmeras e flexíveis as maneiras pelas quais os jovens atribuem os significados aos espaços que ocupam, mediante estilos de vida distintos. No entanto, as cidades são também espaços materiais de relativa estabilidade e rigidez; espaços que conformam e restringem a vida das pessoas e determinam os tipos possíveis de encontros no espaço público. (CALDEIRA, 1997). No caso dos jovens, o trânsito juvenil pela cidade, embora siga lógicas particulares, se expressa por ser não-fixista e por trazer para a discussão o lugar do corpo e de lugares em movimento⁶ nos processos de territorialização dos espaços urbanos. (DIÓGENES; SILVA, 2012).

Na cidade capitalista atual, criam-se os mundos de dentro e os mundos de fora. O mundo de fora é “[...] a cidade real, as ruas, as praças públicas, os espaços de livre circulação e sujeitos a intempéries, a movimentos, a manifestações sociais, ao acaso”. (CARNEIRO, PADILHA, 2005, p.73). O mundo de dentro é o espaço “[...] privado, protegido, criado e planejado artificialmente para propiciar segurança, conforto, limpeza, praticidade, modernidade, lazer e beleza, como um shopping center”. (CARNEIRO, PADILHA, 2005, p.73).

⁶ “Moramos na cidade e ao mesmo tempo ela habita em nós”. (SILVA FILHO, 2001, p.11).

Nesse contexto, ora atribui-se à cidade uma conotação positiva, representada por progresso, beleza e lazer; ora a interpreta por seus perigos e suas injustiças, em uma experiência concreta, coletiva e individual que marca nossos pensamentos, ritmos e afetos.

Ou seja, um intenso processo de urbanização alicerçado em estratégias de exclusão social, intensificada pela hierarquização dos espaços, pelo crescente empobrecimento e pela concentração de riqueza e privilégios, ratifica a declaração da cidade enquanto campo de conflitos sociais e tensões.

Por sua vez, as ruas perdem, a cada dia, a centralidade do convívio humano, em detrimento da função meramente circulatória – tornam-se pontos de passagem, vias de trânsito, catalisadores de movimento, corredores urbanos. Com a diminuição dos espaços públicos, submissa, cada vez mais, aos imperativos do movimento acelerado e da fragmentação da vida metropolitana, torna-se distante e desafiador o acontecimento da sociabilidade cotidiana nas grandes cidades contemporâneas.

Diante disso, a cidade se reduz as suas fortalezas particulares. Com o propósito de isolar a multidão anônima e socialmente “inferior”, torna-se crescente o número de condomínios de luxo, *shopping centers*, guarda-costas e sistemas de vigilância eletrônica, ao passo que a violência urbana e as fortificações privadas ascendem em paralelo.

Destaca-se que não é somente o espaço urbano a única fonte que auxilia na perpetuação das diferenças sociais; as diferenças também são experimentadas pelas redes de comunicação de massa, pelos movimentos em massa de populações e pelo consumo de produtos étnicos (alimentos, roupas, filmes, música). Nesse caso, as pessoas entram em contato com mundos que não são originalmente os seus próprios, e

as fronteiras entre universos sociais distintos tornam-se mais factíveis e constantemente atravessadas. (CALDEIRA, 1997).

Por isso, compreende-se que a valorização do espaço público na dinâmica urbana pode revelar uma nova relação dos cidadãos com os lugares físicos, com os marcos simbólicos e com os suportes da memória social. Expressa estabelecer contato com os diferentes ritmos e territórios da experiência cotidiana; observar a rua sem os olhares vigilantes e o medo é “[...] abrir-se à vitalidade dos encontros na cidade, a salvo das câmeras e de seu reiterado convite a um sorriso constrangido”. (SILVA FILHO, 2001, p.45).

Essa proposta pode efetivar-se com o desenvolvimento de políticas públicas intersetoriais e transversais, que são fundamentais para estimular a criatividade e a criticidade, de tal forma que contribuam para as pessoas superarem as barreiras encontradas no cotidiano que as limitam na participação efetiva nas vivências de lazer na sociedade.

Assim, é importante que as pessoas possam desenvolver suas ações no lazer, vivenciando experiências nos diferentes conteúdos culturais. No entanto, para a democratização da cultura e do lazer, é necessário o desenvolvimento de processos educativos junto aos indivíduos, de modo que possam servir de estímulo e aprendizado para os mesmos, ofertando melhor conhecimento dos conteúdos culturais do lazer, desenvolvendo as atividades no tempo disponível, aumentando a possibilidade de livre escolha, uma vez que, quanto maior o grau de conhecimento capaz de permitir a opção, mais verdadeira essa opção será (STOPPA, 2011, p.23).

Invoca-se como basilar a participação cultural como um dos meios que possibilita a inserção social e a formação cidadã de sujeitos historicamente situados, participantes da sociedade, com vistas ao alcance de vivências de novos valores que resultem no questionamento da situação/ordem social estabelecida.

Ressalta-se para isso que é especialmente no tempo livre⁷ e nos momentos de lazer que os jovens constroem suas próprias normas e suas expressões culturais, seus ritos, suas simbologias e seus modos de ser que os diferenciam, conseqüentemente, do denominado mundo adulto. É no tempo/espaço que os jovens⁸ elaboram subjetividades coletivas em torno de culturas juvenis. (BRENNER *et al.*, 2008). Sendo assim, deve-se considerar o lazer no campo da juventude enquanto campo fértil de construção de identidades, de descoberta das potencialidades humanas e do exercício de inserção afetiva nas relações sociais.

Notadamente, a compreensão do lazer como manifestação humana é entendida em sua estreita relação com as diversas esferas da vida social, e, em razão disso, ele pode gerar valores questionadores da sociedade, bem como admitir influências da estrutura social vigente. Por isso, compreende-se o lazer enquanto componente da sociedade contemporânea brasileira, imersa no complexo econômico, político e cultural das transformações em curso, o que implica com isso:

[...] percebê-lo como expressão do contraditório, sempre determinado pelo jogo das forças sociais, fenômeno que envolve não só a alegria do lúdico, a fruição, a fantasia, o prazer estético e a experiência criativa, mas, também, a satisfação imediata, a utilidade prática, o lucro e a alienação (MASCARENHAS, 2003, p.122).

Para tanto, “[...] é preciso superar a fase do consumismo e da alienação para que o lazer possa ser aproveitado dentro de uma plenitude de possibilidades”.

⁷ A existência de tempo livre não implica necessariamente no lazer. O tempo livre do trabalho muitas vezes pode significar o espaço da penúria, da opressão e da falta de oportunidades. (BRENNER *et al.*, 2008, p.30).

⁸ Debater juventudes envolve múltiplos aspectos a serem analisados. Para primeiras indagações, é necessário dizer que não existe uma juventude e uma cultura juvenil específica, mas sim várias, que divergem segundo condições sociais e históricas específicas (CATANI; GILIOTO, 2008). A segunda colocação que se pretende fazer menção é a da juventude enquanto categoria social, na qual esse segmento passou a ser alvo, sobretudo a partir do século XX, do Estado e de vários setores sociais. (CATANI; GILIOTO, 2008).

(LUNARDI, 2008, p. 91). Com essa postura, enquanto manifestação humana e direito inalienável de todo cidadão, o lazer traz em sua concepção uma gama de possibilidades e contestação de valores, que, por meio de ações culturais, pode possibilitar a transformação do estilo de vida das pessoas.

Desse modo, para que isso ocorra, é crucial ter como balizador a apreensão do lazer não como um instrumento de dominação e alienação, que impede uma visão crítica das pessoas e camufla a realidade e os conflitos sociais existentes na sociedade, mas sim vê-lo numa perspectiva de outras vivências modificadoras de valores e atitudes. (SAMPAIO, 2011). Após as colocações até aqui apresentadas, prosseguimos delineando os rumos deste artigo.

As Etapas do Estudo: O Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura

Em relação ao lócus de pesquisa, o Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura é um dos equipamentos culturais da cidade de Fortaleza-CE que está vinculado à Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, sob a gestão do Instituto de Arte e Cultura do Ceará (IACC), cujo nome fantasia é Instituto Dragão do Mar.

Elucida-se que o CDMAC compreende uma diversidade de ambientes e de linguagens artísticas e culturais. Desse modo, é reconhecido como um espaço que possibilita múltiplas vivências de lazer e de cultura ao segmento juvenil. Declara-se com isso que o CDMAC⁹ é estimado como um equipamento público cultural propício às práticas de lazer dos jovens da cidade de Fortaleza.

⁹ Pode-se encontrar no CDMAC: cinema; teatro; museu; praças; exposições artísticas itinerantes; feirinhas culturais; venda de produtos locais - artesanato e comidas regionais; festivais; shows, apresentações musicais e artístico-culturais ao ar livre; cafês; bares e boates ao entorno, e tantos outros espaços e atividades gratuitas e não gratuitas.

Dessa maneira, localizado na Praia de Iracema, construído em 1998 e inaugurado oficialmente em abril de 1999, o CDMAC nasce em um contexto de recuperação do espaço público da cidade de Fortaleza, com a finalidade de “[...] permitir a livre circulação e o acesso de um público diversificado a seus equipamentos”. (GONDIM, 2011, p. 61).

Nesse caso, em sua origem, para além do fim turístico, o CDMAC deveria constituir-se num local que contribuísse “[...] para (re) criar um espaço público em Fortaleza, como contraponto a espaços segregadores, como shoppings centers e enclaves residenciais, fossem estes condomínios fechados ou favelas”. (GONDIM, 2009, p. 13).

Importa inferir que o estudo tem como informantes os jovens que frequentam o CDMAC nos fins de semana. Os jovens entrevistados foram aqueles que se expressaram acessíveis à pesquisa e que, desse modo, localizavam-se em alguns dos espaços do CDMAC durante a efetivação da pesquisa.

A pesquisa de natureza qualitativa contou com a aplicação de entrevistas de natureza estruturada, nas quais os interlocutores falaram livremente sobre o tema proposto. Realizou-se a coleta de dados nos meses de fevereiro e março do ano de 2015, incluindo a realização de 11 (onze) entrevistas: 4 (quatro) integrantes do sexo feminino e 7 (sete) integrantes do sexo masculino.

As questões apresentadas aos jovens têm por objetivo aproximar-se do “[...] conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, explicativas, situações, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.” (GIL, 1994, p.124) correspondente

à apropriação e à utilização dos espaços e dos equipamentos públicos e privados de lazer. Por hora, retrata-se um breve perfil dos sujeitos¹⁰ entrevistados:

Entrevistado 1: possui 27 anos de idade e pertence ao sexo masculino. Estuda no período da tarde e realiza o seu estágio universitário no período da noite. Utiliza o transporte público para se deslocar aos espaços e equipamentos de lazer da cidade de Fortaleza-CE.

Entrevistado 2: possui 23 anos de idade e pertence ao sexo masculino. Somente estuda, no período da manhã e da tarde. Utiliza o transporte público e táxi para se deslocar aos espaços e equipamentos de lazer da cidade de Fortaleza-CE.

Entrevistado 3: possui 15 anos de idade e pertence ao sexo feminino. Somente estuda, no período da tarde. Utiliza o transporte público para se deslocar aos espaços e equipamentos de lazer da cidade de Fortaleza-CE.

Entrevistado 4: possui 23 anos de idade e pertence ao sexo masculino. Somente trabalha, no período da manhã e da tarde. Utiliza o transporte público para se deslocar aos espaços e equipamentos de lazer da cidade de Fortaleza-CE.

Entrevistado 5: possui 25 anos de idade e pertence ao sexo feminino. Somente estuda, no período da tarde. Utiliza o transporte público e táxi para se deslocar aos espaços e equipamentos de lazer da cidade de Fortaleza-CE.

Entrevistado 6: possui 18 anos de idade e pertence ao sexo masculino. Não estuda e não trabalha. Utiliza o transporte público para se deslocar aos espaços e equipamentos de lazer da cidade de Fortaleza-CE.

¹⁰ A classe social do indivíduo, sua condição étnica e de gênero, sua presença ou não no mercado de trabalho e na escola, seu local de moradia – urbano ou rural –, sua situação familiar, ter ou não uma deficiência, sua orientação sexual e sua escolha de religiosidade são fatores, entre outros, que vão diferenciando internamente esse grupo que se chama juventude. Por isso, ao se falar das experiências juvenis, deve-se reconhecer essa diversidade e pronunciar juventudes, no plural. (CORDEIRO; CLEMENTINO, 2014, p.188).

Entrevistado 7: possui 22 anos de idade e pertence ao sexo masculino. Somente estuda, nos períodos da manhã, tarde e noite. Utiliza o transporte público para se deslocar aos espaços e equipamentos de lazer da cidade de Fortaleza-CE.

Entrevistado 8: possui 28 anos e pertence ao sexo feminino. Desempregada; não estuda e não trabalha. Utiliza o transporte público e táxi para se deslocar aos espaços de lazer da cidade de Fortaleza-CE.

Entrevistado 9: possui 27 anos de idade e pertence ao sexo feminino. Trabalha nos períodos da manhã, tarde e noite. Utiliza o transporte público e táxi para se deslocar aos espaços de lazer da cidade de Fortaleza-CE.

Entrevistado 10: possui 19 anos de idade e pertence ao sexo masculino. Somente trabalha no período da manhã e da tarde. Costuma utilizar o transporte público e o carro para se deslocar aos espaços e equipamentos de lazer da cidade de Fortaleza-CE.

Entrevistado 11: possui 23 anos de idade e pertence ao sexo masculino. Estuda no período da noite e trabalha no período da manhã e da tarde. Costuma utilizar a bicicleta para se deslocar aos espaços e equipamentos de lazer da cidade de Fortaleza-CE.

Delimitado esse breve perfil, continua-se o estudo ao apresentar os relatos dos jovens entrevistados.

Nas linhas que transcorrem, intenciona-se -esclarecer sobre os contextos em que o lazer insere-se na vida dos jovens que frequentam o CDMAC. Isso no que diz respeito à utilização e à apropriação dos espaços e dos equipamentos públicos e privados de lazer localizados na cidade de Fortaleza-CE.

Em vista disso, recorre-se ao pensamento do autor Marcellino (2006), segundo o qual é possível exercer uma atividade (ou prática) de lazer sem um equipamento, porém o exercício dessa mesma atividade (ou prática) se inviabiliza sem um espaço.

Nesse argumento, designa-se que o espaço de análise na pesquisa para a vivência do lazer é o espaço eminentemente urbano. De tal modo, nas cidades é concebível imaginar espaços e equipamentos de lazer que deveriam ou devam trazer:

[...] inúmeros benefícios para a melhoria da habitabilidade do ambiente urbano, entre eles a possibilidade do acontecimento de práticas sociais, momentos de lazer, encontros ao ar livre e manifestações de vida urbana e comunitária, que favorecem o desenvolvimento humano e o relacionamento entre as pessoas (OLIVEIRA; MASCARÓ, 2007, p.58).

Consequentemente, emerge com a vida cotidiana na cidade um objeto que se encontra em permanente reflexão, interpretação e debate acerca das relações sociais: as diversidades de experiências sociais e temporalidades que se encarnam e ganham vida no espaço urbano, ou seja, na cidade.

Acentua-se com isso que os jovens, em constante movimento, atribuem vida, sentido e significado à/cidade. É nela que acontecem e materializam-se as práticas culturais e de lazer e que, por conseguinte, se constroem redes de sociabilidade e se estabelecem relações de troca (e também de conflito).

Com a Palavra, os Jovens

Quando os interlocutores são indagados durante as entrevistas sobre como eles observam que os demais jovens utilizam os espaços e os equipamentos públicos de lazer na cidade de Fortaleza - as ruas, as calçadas, as praças e outros -, as respostas fornecidas pelos jovens entrevistados aproximam-se dos usos ditos “negativos” dos espaços públicos, conotação assim por eles atribuída, muitas vezes atrelada ao uso de drogas e à realização de roubos/assaltos.

Nessa ideia, o entrevistado 2 expõe a seguinte colocação posta aqui em apreciação: “Alguns espaços que investem melhor, eu vejo mais socialização. Outros espaços estão sempre esvaziados, sempre remetendo à violência. Utilizando para droga, fazer ações, vandalismo em geral”. Similarmente reflete-se que:

Ruas e praças da cidade são ocupadas pela presença de incontestáveis agrupamentos coletivos juvenis, estruturados a partir de galeras, bandos, gangues, grupos de orientação étnica, racista, musical, religiosa ou as agressivas torcidas de futebol. Muitas vezes a violência sem significação aparente surge como parceira inseparável dessas manifestações, que ora se exprimem nos bairros periféricos, ora se deslocam para o centro da cidade. Percebe-se uma nova apropriação do espaço urbano, que desafia o entendimento e exige aproximação mais sistemática para sua compreensão (SPOSITO, 1993, p. 162).

Nesse contexto, esse conjunto intenso de significações que sobressaem nas palavras de Sposito (1993) reverbera relações mútuas que se projetam em um só presente diversas temporalidades. A cidade, nesse sentido, pode ser considerada expressão de conflitos multifacetados, capaz de oferecer (cotidianamente) novas formas de apropriação do tecido urbano, ao expressar diferentes dimensões gestadas de sociabilidade.

Ao mesmo tempo, a rua é lugar de moradia, da violência, da interação com a delinquência, do crime e das agressões dos policiais. Mediante isso, traz-se a seguinte reflexão realizada pelo Entrevistado 10 acerca da utilização dos espaços públicos de lazer pelos jovens:

Tipo [...] Eu tenho 19 anos e acho que os jovens tão usando totalmente errado, por conta que eles pulam a catraca, eles quebram as coisas, eles fazem tudo que não era pra ser feito [...] pra conservar o local. Por que aqui já tem pouco, aí quando têm eles já fazem a bagaça. Quebram tudo, acabam com tudo.

De acordo com o fragmento, é notório que a exclusão não elimina os processos de integração aparentemente contraditórios que compõem a vida dos jovens. Esses processos decorrem da inserção juvenil no mundo do consumo, da produção da imagem, dos símbolos e da mídia. Além do mais:

[...] não é possível desconhecer as alterações no padrão das relações sociais que ocorrem nas ruas e bairros da cidade, quando o pano de fundo é da crise social, do crescimento do crime e do tráfico de drogas ao lado da convivência e da corrupção do sistema policial. No entanto esta apropriação perversa não esgota todas as possibilidades de uso do espaço urbano que contempla arranjos diversos em grandes cidades. Ruas e esquinas de um mesmo bairro ou em relação aos espaços de centro traduzem diversas formas de viver, conceber e imaginar o tecido social e o uso do espaço (SPOSITO, 1993, p. 167).

Por sua vez, os jovens narram sobre a não utilização do espaço público de lazer, que também traduz diversas formas de viver, conceber e imaginar o tecido social e o uso do espaço. Muitos jovens entrevistados relataram de uma forma ampla que os seus vizinhos e as pessoas, em geral, costumam se trancar em casa; fecham as portas de casa cedo; quando o bairro é perigoso, não se sai de casa. Com isso, ratifica-se a ideia de que o Brasil vive um processo de conflito agudo baseado na lógica do “condomínio”, alimentada pela hiperindividualização e pelo encolhimento do espaço público.

Para Marcellino (2006), “Os condomínios verticais e horizontais buscam a ilusão da saída individual para o ‘lar doce lar’, construindo suas moradias como ‘cantinhos de sonho’, ‘refúgio do guerreiro’”. (p.74). O lazer individualizado que estes espaços possibilitam, como piscinas, bancos individualizados, jardins e outros, distancia, cada vez mais, uns dos outros. Nessa acepção, o espaço público perde a sua multifuncionalidade, deixa de ser local do encontro, do prazer, do lazer, da festa.

De modo geral: “Enclaves fortificados geram cidades fragmentadas em que é difícil manter os princípios básicos de livre circulação e abertura dos espaços públicos

que serviram de fundamento para a estruturação das cidades modernas”. (CALDEIRA, 1997, p. 155). Notadamente, os novos enclaves representam uma nova forma de organizar diferenças sociais e atenuar segregações. Suas intenções segregacionistas expressam-se nas barreiras físicas, com o uso de grades e muros; nos sistemas privados de segurança; na exclusão dos gestos em direção à rua; no criar de mundos independentes que proscvem a vida exterior. Em outras palavras, a relação que se estabelece com o resto da cidade e com a vida pública é de hesitação. Igualmente:

[...] a primazia das ruas e sua abertura; a circulação livre de multidões e veículos; os encontros impessoais e anônimos entre pedestres; o lazer e os encontros públicos em ruas e praças; e, sobretudo, a presença de pessoas de diferentes origens sociais circulando e observando os que passam, olhando as vitrines, fazendo compras, frequentando cafés ou bares, tomando parte em manifestações políticas ou usando os espaços que foram durante muito tempo desenhados especialmente para o entretenimento das massas (passeios públicos, parques, estádios, pavilhões de exposições) (CALDEIRA, 1997, p. 164).

Salienta-se, a partir do que foi dito, que os condomínios fechados propendem-se, cada vez mais, a fazer com que os seus habitantes dispensem a cidade. Nas propagandas publicitárias, os equipamentos coletivos dos condomínios fechados aparecem como ilimitados; vão desde farmácias a salas de bronzamento, bares, saunas, hortas, academia, salas de eventos, piscinas, bibliotecas, salas de vídeo e outros.

Desse modo, “A produção, a socialização, o consumo e as práticas culturais incidem sobre usos diferenciais do espaço e espelham os ritmos desiguais”. (SPOSITO, 1993, p.161). Com isso, torna-se proeminente (re)pensar os espaços públicos de lazer, propondo ações que garantam de maneira efetiva o direito à cidade, o direito ao lazer e o direito de ir e vir a todos e todas de forma igualitária e democrática.

Notadamente, a utilização ou não dos espaços públicos de lazer está também diretamente “[...] ligada às condições de manutenção e de conservação, assim como da qualidade espacial em relação aos equipamentos e mobiliários urbanos existentes”. (OLIVEIRA; MASCARÓ, 2007, p.68). Acerca disso, replica-se por um dos jovens entrevistados que:

Antigamente foi mais livre (a utilização dos espaços públicos de lazer), as pessoas não vão mais (Praça Portugal). Com a falta de segurança ninguém sai de casa. Eu acho que o principal problema da cidade é a segurança (Entrevistado 8).

Outras respostas fornecidas pelos jovens entrevistados vinculam-se ao argumento da educação, que surge como uma das grandes responsáveis pelo modo como se dá a utilização do espaço público de lazer pelo jovem:

Atualmente eu acho que existe um pouco de falta de cuidado com os espaços públicos. Ah, eu vejo muita gente jogando coisa na rua, vejo [...] É [...] Enfim, um desrespeito geral (Entrevistado 11).
Cara, eu acho que vai depender da educação, né? Porque geralmente quem tem mais educação utiliza melhor o espaço público. A gente vê muita coisa pichada¹¹, destruída. Coisas que demoram muito pra construir. Enfim [...] O poder público enrola, enrola e enrola, que quando faz alguma coisa, o pessoal vai lá e destrói (Entrevistado 9).

Em correlação às duas citações anteriores, questionam-se, à guisa de reflexão, essas seguintes proposições: como exigir do jovem que não teve, ou não tem acesso à educação (e a tantos outros direitos que são diariamente violados), uma “boa” relação

¹¹ “Surgidos no contrafluxo dos planejamentos urbanos e misturados às outras intervenções aleatórias nas cidades contemporâneas – propaganda eleitoral, publicidade, recados de amor e/ou palavras e imagens consideradas obscenas -, os grafites vêm despertando nossa atenção e provocando polêmicas nas políticas governamentais, no circuito das artes, nas dissertações acadêmicas e nos comentários rotineiros das rodas de amigos. Arte para uns, poluição visual para outros, o certo é que os grafites já fazem parte do nosso dia a dia. Ainda que de um modo geral essas intervenções sejam transgressoras e semelhantes, os grafites & pichações apresentam técnicas e políticas diferenciadas de acordo com o propósito de cada agente ou grupo em seu tempo e espaço definidos. [...] O fato é que o grafite está na cidade, no espaço público, não tem proprietário nem vigia. E, mais, na carona dos grafites [...] há sempre os rabiscos aleatórios, as mensagens de amor, as pichações políticas e os anúncios publicitários, surgindo, assim, no espaço da cidade”. (RAMOS, 2007, p. 1260-1261).

com o espaço público? Como demandar ao jovem que ele tenha cuidado com algo que (talvez) não desperta nele o sentimento de pertencimento e/ou o reconhecimento do espaço como/enquanto algo que é seu?

Logo, marcado pela subjetividade, o território representa afeto, conteúdo estético, sensibilidade e cognição num tempo e espaço bem delimitados. Por meio das mediações de seus sujeitos e dos processos de subjetivação é que se reconhece o território. Em posse disso, qualquer intervenção e planejamento devem ser definidos por bases territoriais, com o objetivo de atuar sobre populações específicas, que obviamente contam com necessidades específicas, com vistas à sua inclusão nas dinâmicas sociais, sem desconsiderar as particularidades de identidade e redes de sociabilidade, construídas a partir do pertencimento ou da identidade com o lugar. (MENICUCCI, 2006).

Salienta-se, no entanto, que não é somente a educação que passa por uma crise. A crise engloba a sociedade da economia global, que gera a perda de referência de valores e a explosão da informação e dos conhecimentos, reunidas a uma: “[...] rápida obsolescência dos produtos, mudanças nos perfis profissionais, obsessão consumista e individualista, incertezas quanto ao futuro, economia como princípio regulador da sociedade”. (DIAS SOBRINHO, 2010, p.1225). Não obstante, o segmento juvenil enfrenta problemas múltiplos, como desemprego, abandono de escolas e uso de drogas. (CARMO, 2001, p.22). Nesse ínterim,

[...] cotidianamente, os jovens pobres no Brasil se deparam com situações em que seus direitos fundamentais da cidadania são violados, entre eles o direito à educação, à convivência familiar, à saúde, ao lazer, à cultura e ao esporte. Uma vez que crescem e se formam em uma realidade concreta da ausência de direitos e de respeito, como cobrar desses mesmos jovens o reconhecimento do direito do outro, o respeito mútuo em sociedade? (LOPES *et al.*, 2008, p. 68).

Esse processo de não reconhecimento do “outro” é intensificado pela desigualdade social. Portanto, quanto mais “diferentes” forem os jovens entre si, maior o distanciamento em estabelecer qualquer relação com o outro, de se identificar e de se solidarizar com o sujeito coletivo.

No mesmo raciocínio, surgiram algumas respostas dos jovens entrevistados que enfatizam a utilização dos espaços públicos de lazer, quer seja pelos skatistas e pelos dançarinos de rua, quer seja para alimentação, para reuniões com os amigos ou para o artesanato. A importância da utilização e da apropriação dos espaços públicos nesse estudo, sobretudo pelos jovens, tem a intenção de indicar mudanças na configuração socioespacial da cidade, na busca de (re)construir o convívio prazeroso.

Outras questões pontuadas aqui instituem analogias com a discriminação e o preconceito nos espaços públicos e privados de lazer. Os jovens entrevistados asseguram que passaram por alguma situação vexatória na rua, o principal local onde ocorrem esses atos. O Entrevistado 6 afirma que essas ações ocorrem: “Nos espaços que danço (hip-hop). As pessoas dizem que essa dança é de vagabundo, essas coisas [...]”.

Segundo o Entrevistado 1, a discriminação e o preconceito foram protagonizados por policiais. Ele lembra que uma série de fatores que induzem à violação do direito de ir e vir de grupos sociais minoritários, como os traços que os jovens carregam associados à representação de “marginais”. Esse estereótipo “justifica” inúmeros atos infracionais protagonizados por esses grupos. De tal maneira, a luta que acontece contra o crime na periferia é explicada, muitas vezes, ao se caracterizar simplesmente as vítimas (grupos minoritários) como traficantes ou ladrões. Diz-se que:

Com frequência, a imagem dos jovens é permeada por estereótipos e por um conjunto de ideias contraditórias sobre a vivência da condição juvenil. É comum, por exemplo, que comerciais e propagandas explorem a imagem da juventude, associando os sujeitos jovens à saúde, ao desprendimento, à liberdade e à espontaneidade. Por outro lado, nos noticiários de TV, pode-se observar uma percepção bastante negativa dos jovens, atrelando suas imagens, sobretudo de negros e pobres, ao desvio, à desordem social e à violência (CORDEIRO; CLEMENTINO, 2014, p.184-185).

Em outros termos, o pobre, o negro, o desempregado e o malvestido são considerados os principais alvos e suspeitos, destarte, passíveis de um tratamento repressivo. Associa-se no imaginário coletivo a necessidade de “correção”, por meio do castigo e da punição, que corrobora com a construção de uma cultura que estigmatiza essa população. Elucida-se isso de uma forma mais clara com o que foi dito pelo entrevistado 1: “Pela polícia, na rua. Estava com uma blusa de banda e a polícia tem essa discriminação com pessoas que andam com blusas de banda e são tatuadas”.

É importante lembrar que é recorrente, principalmente em bairros com alto índice de violência, jovens que se encontram nas ruas serem “confundidos” com “marginais” e serem, por conseguinte, reféns da violência policial ou de “justiceiros”, que têm suas ações, muitas vezes, solicitadas por moradores dos bairros. (SPOSITO, 1993). Na mesma direção, o Entrevistado 11 expõe:

[...] uma vez eu tava pedalando e um carro bateu no meu guidom. E eu parei e perguntei se a mulher não havia me visto. Ela disse que bicicleta não era pra tá na rua, que eu que deveria ter visto ela e ficou reclamando por eu ter danificado o carro dela, sendo que é contrário, porque existe uma lei que diz que o carro deve ficar a 1 metro e meio de bicicletas, e, claro, nunca é respeitada, inclusive por ônibus e taxistas.

Atos como esses revelam a violação do direito de ir e vir o desrespeito, o descumprimento das leis e a indiferença entre os que trafegam nos carros e os que utilizam bicicletas. Além disso, identificou-se que são frequentes ações contra homossexuais em locais públicos, expondo essas pessoas a situações de risco e de violação dos seus direitos fundamentais. Na assertiva do Entrevistado 8, o local em que se comete essas ações é: “Na rua. Você tá andando na rua e a pessoa diz (os héteros): ‘E aí, gostoso?’ Falam pra te ofender”.

Segundo Góis e Soliva (2008), a rua é um espaço em que frequentemente os jovens homossexuais são alvo de distintas formas de violência, geralmente tendo como protagonistas outros jovens supostamente heterossexuais. Todavia, ações como essas costumam advir em espaços privados. Na alegação do Entrevistado 9, observa-se os fatores que o levaram a não frequentar mais determinado local da cidade de Fortaleza.

Boate. Por que tem violência. E o pior, eu andava em boas boates de Fortaleza. Mas tinha violência, por incrível que pareça. [...] uma amiga minha sofreu preconceito mesmo numa boate gay, enfim, ela é [...] tipo [...] o segurança bateu nela, uma coisa muito estranha e foi abafado porque é uma grande boate daqui de Fortaleza. É isso, a questão da violência, mesmo na boate. O preconceito que as pessoas sofrem e tal e deixam de andar em boate.

Até agora, conclui-se que os espaços e os equipamentos públicos e privados de lazer utilizados/frequentados pelos jovens entrevistados são ambientes marcados pelo preconceito e pela discriminação. Também se evidenciou a aproximação de usos “negativos” dos espaços públicos de lazer, segundo os jovens entrevistados. Prossegue-se com os relatos referentes à identificação dos jovens entrevistados com os demais jovens situados no CDMAC.

O lazer dos Jovens

Quando questionados sobre quais e quem são os jovens identificados no CDMAC, os sujeitos entrevistados assinalam rapidamente: “todos os tipos de jovens”. Nas palavras deles: os gays, “exageradamente gays”, muitas pessoas alternativas com estilos diferentes, pessoas envolvidas com a arte, pessoas de classe média baixa, bem como: “Os teus companheiros, amigos. O pessoal da comunidade” (Entrevistado 4).
Consequentemente:

[...] o grupo de pares, o lazer e a diversão aparecem como elementos constitutivos da singularidade da condição juvenil das camadas populares, sendo em torno dessas atividades que se desenvolvem preferencialmente as relações de sociabilidade e a busca de novas referências na estruturação de identidades individuais e coletivas. (DAYRELL, 2005, p.11).

Nas ideias do autor em foco, percebe-se que os jovens expressam em si uma tendência a se associarem, na qual os amigos e os grupos auxiliam na construção das suas identidades juvenis. Logo, é nos grupos que os jovens: “[...] fazem os programas, "trocam ideias", buscam formas de se afirmar diante do mundo adulto, criando um ‘nós’ distintivo.” (DAYRELL, 2005, p.11). Conforme o relato dos entrevistados, em conformidade ainda sobre quais e quem são os jovens identificados no CDMAC, as seguintes respostas emergiram:

Eu vejo aqui um público muito variado, na verdade. Vejo gente muito jovem e de várias classes sociais, no dia em que tá tendo, por exemplo, aquelas apresentações do hip-hop. E vejo muita gente de classe média alta, porque também a gente tem os bares e boates por aqui, vários restaurantes [...] e só (Entrevistado 11).

Todo público, desde o cara que curte o reggae ao roqueiro que curte aquele rock pesadão [...] (Entrevistado 7).

Eu acredito que, como eu, a galera que procura cultura mesmo, conhecimento. Aliás, também tem muita gente que vai para bares e boates quem tem muito por aqui também (Entrevistado 10).

Precisamente averígua-se que o CDMAC é um espaço plural que possibilita o encontro de “diferentes” jovens e juventudes. A diversidade de linguagens que o equipamento público oferece pode ser considerada, inclusive, um dos fatores que atrai as diversas juventudes ao local.

Nessa ideia, as preferências por determinadas práticas de lazer refletem com clareza as diferenças individuais. No entanto, elas não se subordinam exclusivamente às atitudes pessoais, já que o ser humano vive em sociedade. Essas práticas revelam o comportamento próprio de determinado grupo cultural, expressando, em outros termos, a filosofia de vida de cada sociedade. Com isso, o lazer enquanto prática supõe a formação de vínculos e implica em determinadas formas de relação com o espaço e os equipamentos urbanos. (MAGNANI, 1996).

Para Gomes (2014), o lazer nada mais é do que a “[...] necessidade de fruir, ludicamente, as incontáveis práticas sociais construídas culturalmente”. (p. 02). E isso pode acontecer de diversas formas, segundo os interesses dos próprios partícipes, dos grupos ou das instituições, em cada contexto histórico, cultural, social e político específico. Enquanto produção cultural humana, o lazer relaciona-se com diversas esferas da vida social, como o trabalho, a educação, dentre outras. Logo, o lazer dialoga, sim, com o trabalho, mas não somente com essa esfera da vida.

Para a estudiosa em questão, o lazer comporta três elementos essenciais: 1) a ludicidade, 2) as manifestações culturais e 3) o tempo/espaço social. Disso afirma-se que é próprio do *homo ludens* a sua essência criadora, que atribui significados ao que sente e ao que vive e que, com isso, pode ressignificar e transformar o mundo ao seu

redor, por meio dessa sua essência criadora. A fruição das manifestações culturais, relacionadas à fruição da cultura, pode-se dar de distintas formas, materializadas em determinado tempo/espaço. É, portanto, nesse tempo/espaço social em que acontecem as relações sociais e da natureza e as práticas de lazer.

Aludido isso, demonstra-se que a maioria dos jovens entrevistados afirma conseguir ter acesso ao lazer no seu cotidiano. As práticas de lazer dos jovens entrevistados são comumente: fotografar, ir ao teatro, ver dança e dançar, ir à academia, pedalar, ir à praia e ao cinema, sair para comer, sair com os amigos, frequentar barzinhos, escrever, cantar, tocar instrumentos musicais, compor, jogar futebol, praticar esporte, andar de skate, assistir a filmes e seriados. É nesse tempo/espaço que os jovens expressam seus comportamentos e atitudes, se reúnem com outros jovens, se colocam e se posicionam diante do mundo e de si mesmos.

As práticas de lazer elencadas se desenvolvem em espaços de múltiplos usos. Os locais são geralmente ruas, casa/prédio/condomínio (com maior frequência), shopping, barzinho, academia, praça, campo de futebol, Estoril e o próprio CDMAC. Muitos dos locais referidos ficam próximos às casas dos jovens entrevistados ou, quando não, muitas das práticas de lazer acontecem em suas próprias residências. No entanto, quando pontuado sobre as práticas de lazer que acontecem fora do âmbito doméstico, essas sim são distantes do local de moradia.

As práticas de lazer costumam acontecer quando o jovem tem algum tempo livre e acontecem, segundo eles, pelo menos duas vezes na semana. A representação que as práticas de lazer assumem para os jovens entrevistados perfaz-se nas seguintes falas:

Ah [...] me fazem tipo [...] fugir dessa realidade que é hoje para os jovens, que é o computador, a internet, essas coisas, porque os jovens de hoje em dia só querem saber de computador, Facebook, curtida, Top Fortal, Top num sei o quê [...] essas coisas [...] e esquecem o que

existe mesmo, que é tipo [...] tem bicicleta, tem um skate, tem uma bola [...] dá pra tipo [...] até hoje, há um tempo atrás, eu brincava com a galera lá do bairro, com os meus amigos do bairro [...] e era na rua mesmo. Esperava ficar um pouco mais tarde pra passar ônibus e carro e a gente ia lá brincar. Brincava de carimba, essas coisas assim, de boa. Coisas que você não vê mais hoje (Entrevistado 6).

É uma forma de me expressar. O que me deixa à vontade (Entrevistado 8).

É melhor do que eu tá na rua usando droga [...] eu tô dançando (Entrevistado 4).

Pra mim é conhecimento mesmo. Enfim, procuro sempre procurar coisas que me tragam conhecimento, senão eu fico em casa mesmo (Entrevistado 7).

De tal maneira, o lazer configura-se como um espaço/tempo em que os jovens entrevistados podem expressar-se e buscar conhecimento, além de aproximarem-se e ampliarem o contato com o “outro”. Da sua vivência também resulta a apropriação dos espaços públicos de lazer, como o que a rua pode assumir. O lazer enquanto fenômeno que comporta múltiplas possibilidades deve ser entendido enquanto tempo e espaço privilegiado para manifestação da cultura.

Os jovens entrevistados afirmam que as práticas de lazer trazem benefícios para a saúde, para o corpo e para a mente. Associações foram feitas do lazer com acesso à cultura. Para os jovens entrevistados, o lazer associado à cultura possibilita maior interação e amplia o convívio com as pessoas.

No tocante à influência da mídia nas escolhas por determinadas práticas de lazer, alguns jovens entrevistados afirmam que ela não os influencia. Em contraponto, outros jovens afirmam que ela influencia diretamente em suas preferências, como acontece com o Entrevistado 3: “[...] hoje tem certos canais que passam coisas que eu

gosto e cada vez que vejo gosto ainda mais. E cada vez tem mais coisa para o público jovem”.

Ao que tudo indica, a TV aberta continua a ser, nos dias atuais, uma importante fonte de lazer e informação para grande parte da população. Ela oferece uma janela para o mundo e o acesso a informações imediatas sobre os acontecimentos do mundo. Nesse sentido, esse mesmo veículo de comunicação expõe vidas privadas e intimidades que invadem o cenário público da mídia. (FISCHER, 2005).

Em relação aos interesses nos programas de TV, os jovens entrevistados aludem que não costumam assistir à televisão e, quando assistem, centram-se nos canais fechados, nas séries, nos documentários e nos jornais. Acerca da relevância e das preferências em relação à internet, os interesses dos jovens entrevistados se dão especialmente por sites de relacionamentos, YouTube, jogos, esporte, fotografia, dança, filmes, pesquisas acadêmicas e questões relacionadas ao trabalho, blogs e vlogs.

Foi possível detectar que muitos jovens repetiram em seus relatos o mesmo conjunto de interesses pelos programas de TV e semelhante utilização em relação ao uso da internet. Dando prosseguimento, o Entrevistado 10 expõe a importância da mídia nas escolhas das práticas de lazer:

Hã [...] tipo, vamos supor: abriu uma praça nova, que tem isso, tem aquilo [...] pronto [...] todo mundo vai praquela praça. Pronto, antes de abrir aquela praça, inaugurar aquela praça que tinha [...] não sei se vocês sabem onde é, ali na Beira Mar, perto da estátua da Iracema, mais pra lá [...] tipo [...] ninguém andava por ali. Aí agora, tipo, antes de inaugurar, aparecer no jornal, feito tudo isso, toda mídia em cima, pronto [...] Todo mundo ficou em cima e vive lá agora.

Parecido ao exposto, evidencia-se cada vez mais um lazer alienado e alienante, no qual o indivíduo é influenciado pela mídia, ou até mesmo pela falta de informação. Essa alienação pode ser esclarecida no consumo pelo consumo, ou até mesmo ir aonde

os outros vão; comprar o que não precisa; estar onde não se gosta; não exercer o próprio poder de escolha e decisão. (STOPPA, 2011).

No que concerne aos assuntos conversados pelos jovens entrevistados com os seus amigos, estes, na maioria das vezes, são sobre séries, livros, música, arte, esporte, trabalho, religião, cinema, estudos/disciplinas da faculdade, objetos, roupas, filosofia, política, rotina e problemas sociais. Consoante os jovens entrevistados:

A gente costuma conversar muito sobre música. A gente gosta muito de ir pra shows de bandas aqui de Fortaleza. A gente gosta de muito de vir aqui (CDMAC), no cinema, conversar sobre cinema e tal. A gente tem muita mania de sair pra pedalar e conversar a respeito de como estão as ruas, como é que tão esses novos pontos de bicicleta que tão surgindo pra incentivar as pessoas a andarem de bicicleta em Fortaleza (Entrevistado 11).

[...] Sobre a Dilma e sobre quando é que o Brasil vai pra frente. Eu acho que nunca (risos). O que vale é tentar, né? (Entrevistado 10).

Tudo. Política [...] É [...] acho que a política sempre é um assunto que a gente conversa bastante, porque tem o povo do movimento estudantil, da faculdade [...] Aquela coisa (risos). Aí sempre entra política no meio (Entrevistado 9).

Por conseguinte, pode-se identificar que os assuntos conversados pelos jovens entrevistados com os seus amigos demonstram os seus interesses pessoais e refletem suas preferências. Quando indagado se é preferível assistir à televisão, ficar no computador ou sair com amigos, no contexto de influência e preferência da mídia, todos os jovens entrevistados apontaram a última opção. Alguns enfatizaram: “Lógico que sair com os amigos!”. Com isso, chama-se atenção para a importância e a centralidade atribuída aos amigos, assunto anteriormente abordado.

Quando o assunto é participar das práticas de lazer na cidade, os jovens entrevistados utilizam as redes sociais (Facebook) como a principal fonte de

informação, ou buscam na internet o que lhe interessa e compram o ingresso, como de um show que esteja interessado em ir.

No que diz respeito ao que a cidade de Fortaleza oferece em termos de lazer para o jovem, a resposta dos entrevistados está relacionada aos interesses particulares de cada um, ou seja, segundo eles, depende do que o jovem gosta de fazer. Os jovens mencionam o próprio CDMAC como um dos espaços que a cidade oferece em termos de lazer. Nas palavras de Padilha (2004): o lazer expressa-se como um potencial de criatividade que cada um tem a responsabilidade de cultivar à sua maneira, em função dos valores que dão sentido à vida. O lazer, desse modo, inscreve-se nas temporalidades humanas inconstantes: valores, afetos, modos etc.

Adverte-se sobre o protagonismo que os jovens entrevistados assumem ao escolher determinadas práticas de lazer. Desse modo, a escolha por determinada prática, segundo o Entrevistado 9, é motivada pelos seguintes fatores: “Depende do jovem [...] tipo [...] tem [...] é por que eu venho mais pra cá para o Dragão. E venho assistir peça, show e tal”.

Dentre os locais citados que a cidade oferece em termos de lazer para o jovem, sobressaíram-se: o Centro Urbano de Cultura, Arte, Ciência e Esporte - CUCA, as praças, os *shopping centers*, as praias, os shows, os cinemas, os bicicletários, as casas de festas e o próprio CDMAC. Ressalta-se aqui o CDMAC.

Para o Entrevistado 7: “[...] Aqui é um fator cultural (CDMAC) muito grande para a cidade de Fortaleza. Aqui tem muitos shows de graça e tudo mais”. É importante frisar que os jovens entrevistados expuseram a escassez de locais de lazer ofertados ao jovem na cidade de Fortaleza. Conforme o Entrevistado 11:

Na verdade, eu acho um pouco limitado. Durante o fim de semana eu só vejo mais aqui, o Dragão funcionando, por exemplo [...] e [...] acho que só. Ali

perto de onde moro, eu moro ali perto do Benfica [...] eu não vejo muita movimentação de jovens nos espaços de lazer.

Reforça-se que, embora o bairro Benfica¹² seja um bairro com expressivo número de jovens, com a presença de universidades e colégios, refuta-se a escassez de espaços públicos de lazer destinados aos jovens, mesmo em locais que têm o predomínio de jovens.

Acerca dos espaços e equipamentos de lazer anteriormente frequentados pelos jovens entrevistados, e agora não mais frequentados, e os seus respectivos motivos de não apropriação, os interlocutores apontaram: a Casa Brasil, localizada no bairro Granja Portugal, e Casa de Rock, pois ambos foram desativadas; O Centro Urbano de Cultura, Ciência, Arte e Esporte - CUCA, pela distância das moradias ao equipamento; os Estádios, por causa da violência e dos horários, geralmente à noite, em que acontecem os jogos; a Praia de Iracema, pelos assaltos, perigo e sujeira; a Beira Mar, pelos “dependentes químicos” que lá se encontram - termo assim por eles utilizado; o Hey-Ho! Rock Bar, que não funciona no momento. Outro exemplo é:

A Praça Portugal [...] por que ela tá acabada. É porque, tipo, agora só quem frequenta lá [...] é [...] são as pessoas que moram na rua, que usam a praça pra dormir e ninguém mais. Antigamente você via família lá, com criança, cachorro, tudo isso. Hoje em dia você não vê mais (Entrevistado 10).

Ademais, salienta-se que a Praça¹³ Portugal, ícone da cidade de Fortaleza desde 1947, recentemente enfrenta entraves com a gestão do atual prefeito Roberto Cláudio

¹² Bairros como Benfica e Edson Queiroz se destacam com maiores proporções dos jovens entre 20 a 29 anos em suas populações. Um motivo é fato de serem bairros que estão próximos a universidades e faculdades. (IPECE Informe, 2013).

¹³ No Brasil, a função social da praça tem uma profundidade que se destaca devido ao contexto histórico-político do país. A desarticulação e a falta de interesse do poder público ante o planejamento urbano e a dotação de infraestrutura trazem à tona a carência, o contraste de renda entre as diferentes classes

Rodrigues Bezerra (2012-2016), que pretende concretizar mudanças no local, de modo a dar lugar a um cruzamento de trânsito. Contudo, sabe-se que a cidade não pode ser pensada meramente em tráfego de veículos.

Quando indagado aos jovens entrevistados se eles haviam exercido regularmente e recentemente alguma atividade artístico-cultural e, caso não tivessem realizado, se gostariam de ter feito, as respostas dos jovens entrevistados foram: 1) somente dois do total de jovens entrevistados não participaram de nenhuma atividade artístico-cultural relacionada a cinema, teatro, dança, música/canto, literatura/poesia e artes plásticas; 2) dos dois jovens que não haviam exercido regularmente alguma atividade artístico-cultural, somente um deles demonstrou interesse em participar de algumas destas atividades.

Dentre as atividades artístico-culturais realizadas e pontuadas pelos demais entrevistados, destaca-se: dança, teatro, fotografia e aulas de instrumento musical. Ou seja, os jovens entrevistados participam e demonstram interesse em participar de alguma atividade artístico-cultural. Por último, apresentam-se as especificidades do objetivo central do artigo no tocante às estratégias de apropriação dos espaços/equipamentos de lazer na cidade de Fortaleza-CE.

Estratégias de Apropriação dos Espaços/ Equipamentos de Lazer

A partir dos seus movimentos na cidade e mediante as estratégias de apropriação dos espaços e dos equipamentos de lazer, os jovens se afirmam enquanto atores sociais. Aliás, os significados das vivências da juventude na esfera do lazer são somente uma das vias para aproximar-se de sua configuração sociocultural e política,

econômicas e a exclusão social, sendo a praça um elemento essencial nesse jogo de interesses que pode ser usada tanto para socializar quanto para segregar. A praça brasileira é, então, um espaço de construção da cidadania e de encontro político de interesse social. (OLIVEIRA; MASCARÓ, 2007, p.68).

concretizada no cotidiano desse segmento. Os movimentos, o ir e vir, especialmente aqueles voltados às práticas de lazer, acontecem impreterivelmente em um lugar:

[...] lugar [...] refere-se à ocupação, à localização de um corpo afetando o espaço. Ao afetar, um lugar deixa de ser apenas um ponto físico (lógica topográfica do mapa) e se torna um ponto de articulação de forças e fluxos, de diferenças, mais do que identitárias (lógica topográfica da cartografia) (BARBALHO, 2013, p. 35).

O lazer, no contexto da articulação de forças e fluxos, passa a ser entendido como produto de uma sociabilidade juvenil, que expressa uma peculiar e reveladora forma de apropriação do espaço urbano e do agir coletivo, “[...] capaz de mobilizar jovens excluídos em torno de uma identidade comum”. (SPOSITO, 1993, p.167).

Reforçada essa compreensão, tem-se que, quando indagado aos jovens entrevistados se eles gostariam que existissem mais lugares como o CDMAC na cidade de Fortaleza, e, se sim, por quais motivos queriam-no, os jovens entrevistados apontam a necessidade de equipamentos como esse nos bairros:

Sim. Gostaria que existisse mais locais como esse, mas que atendesse a todos os públicos e não existissem espaços particulares. Existe uma diferença, nem todos que vêm aqui têm condições de ter acesso ao lazer (Entrevistado 1).

Traria mais vida na cidade. Organização (Entrevistado 2).

Traria os jovens a ter mais conhecimento sobre essas coisas de arte, música e dança (Entrevistado 3).

Quando indagado aos jovens entrevistados se eles gostariam que existisse algum grupo cultural no seu bairro ou na sua comunidade e como o jovem projeta que isso deva acontecer, somente três jovens afirmam que não gostariam de algum grupo cultural nesses locais, devido à falta de espaços adequados próximos às suas moradias por isso não fazer diferença ou pelo fato de as pessoas serem muito fechadas/reservadas. Discorre-se que:

Os bairros [...] são [...] representações que integram a própria realidade social da cidade, que os instituiu como um dos seus bens patrimoniais mais preciosos. Representam a cidade, a memória, a história, o seu povo, sintetizam um conjunto de temas e comportamentos culturais (CORDEIRO; COSTA, 1999, p.59).

Na verdade, o bairro, além de representar a sociedade, figura uma realidade contraditória. Constitui-se como unidade socioespacial problemática em si própria. Desenha uma estruturação e afirmação de grupos locais; dinamiza atividades lúdicas e/ou desportivas; considera-o interlocutor privilegiado com o poder autárquico; apropria-se e define elementos importantes da memória coletiva local. Sobre os grupos nos bairros: “Quando você tem um grupo, é um grupo de poucas pessoas. O meu bairro parece um bairro de japoneses, as pessoas nem falam uns com os outros”. (Entrevistado 7).

De acordo com essa colocação, o individualismo é uma das características que pode ser visualizada e que merece ser ressaltada, já que o individualismo visa à autonomia do indivíduo e à sua independência emocional dos grupos.

Pode-se dizer que o individualismo expressa uma tendência ao êxito, à valorização da própria intimidade. Nesse tipo de orientação, o indivíduo está por cima dos grupos em todos os aspectos; as relações pessoais são mais frequentes, porém contratuais (GOUVEIA *et al.*, 2003, p.222).

Em oposição ao individualismo, o coletivismo assume uma tendência à cooperação e ao cumprimento com os demais. Nele, o grupo do qual a indivíduo faz parte torna-se mais importante do que a própria pessoa. Nos grupos, as pessoas estabelecem fortes relações entre si e podem compartilhar o mesmo interesse.

Os jovens que afirmam a importância de algum centro cultural perto de suas moradias atestam que este ajudaria a preservar a cultura. Imaginam esse local (o

espaço/o centro cultural) desenvolvendo e ofertando atividades ligadas à dança, ao teatro, ao esporte, à fotografia, à música e a tudo que está envolto com a arte.

A propósito da importância de algum centro cultural ou de qualquer outro equipamento público de lazer no seu bairro e das possíveis melhorias que estes poderiam trazer, os entrevistados afirmam que eles trariam melhorias na educação, no entretenimento e na cultura para o jovem. Também conviria como um ponto de encontro para os jovens. Outras colocações sobre a importância de algum centro cultural no bairro podem ser ilustradas nas seguintes falas dos jovens entrevistados:

Eu acho que tiraria muita criança e adolescente da rua, que ficam gaseando aula, essas coisas (Entrevistado 10).

[...] tiraria muitos meninos da rua, que passam o dia todo sem fazer nada, para se encontrar, ao invés de tá na rua (Entrevistado 9).

[...] tiraria muitas crianças de rua e jovem de rua que estariam fazendo besteira e tal (Entrevistado 2).

Mais movimento, ajudando até a combater a violência, investir no comércio, ajudaria na economia (Entrevistado 2).

A partir dessas citações, é possível identificar o que o autor Marcellino (2010) expõe: as reivindicações sobre o lazer físico-esportivo estão ligadas a uma possível característica “instrumental”, de uma perspectiva “saneadora”, “moralizante” ou “terapêutica”, em relação à violência, ou mesmo “sadia”, uma vez que foram verificados muitos “interditos” sobre uso de drogas pelos usuários dos equipamentos públicos. Portanto, pontua-se como importante a reversão dessas expectativas ligadas tanto ao senso comum quanto aos próprios “valores” do lazer.

A propósito do conhecimento de algum grupo cultural no bairro ou na comunidade dos jovens entrevistados, no universo do recorte estabelecido para a pesquisa, apenas dois jovens afirmam conhecer algum grupo nesses locais. Três

participam de algum grupo cultural e dois jovens já haviam participado de algum grupo cultural anteriormente. Por isso, salienta-se a necessária ampliação em investimentos nas áreas sociais ligadas ao lazer e aos temas que o tangenciem, tal como a criação de centros culturais para os jovens que atendam às suas reais necessidades.

Em vista de “concluir” com algumas reflexões ao longo do que foi retratado pelos jovens entrevistados, assinala-se a indispensável ampliação do espaço democrático do lazer atrelada à requalificação do espaço público, no intuito de contribuir para o fortalecimento do sentimento de pertencimento e de identidade coletiva dos diversos jovens, de modo que lhes possibilite a construção de uma dinâmica igualitária, democrática, sensível e justa na relação que os jovens entrevistados estabelecem com a apropriação e a utilização do espaço público.

Ademais, é possível relatar a importância da ampliação e da desconcentração das áreas de lazer em determinados locais da cidade de Fortaleza, que venham garantir atividades e espaços que atendam aos interesses das juventudes que moram em diversos locais dessa cidade.

Reflexões Finais

Pode-se apurar, com o que foi exposto, que situar o lazer na sociedade contemporânea brasileira nada mais é do que identificar mudanças, decifrar continuidades, reconhecer diversidades e desvelar desigualdades. É refletir sobre a sociedade do consumo e sobre a cultura em sua inter-relação com a espacialidade urbana, de modo a compreender sentidos e significados atribuídos ao lazer em tempo de globalização.

Enquanto manifestação artística humana e direito inalienável de todos os cidadãos, o lazer traz em sua concepção uma gama de possibilidades e contestação de valores, que, por meio de ações culturais, pode possibilitar a transformação do estilo de vida das pessoas. Ou, caso assim não interpretado, estará pendendo e possivelmente corroborando com os ditames do mercado, do consumo e da alienação, pois não se pode esquecer que nesta sociedade contemporânea capitalista vivencia-se a restrição ao acesso ao lazer, num contexto de retração dos direitos sociais em detrimento dos imperativos do capital e da iniciativa privada, no qual nela o núcleo urbano torna-se produto de consumo.

Portanto, deve-se reconhecer o lazer numa perspectiva de outras vivências modificadoras de valores e atitudes, de tal modo que essas vivências se distanciem da tendência de aproximações com usos negativos dos espaços públicos pelo jovem, muitas vezes voltados para o uso da droga e a realização de roubos/assaltos, como anuncia a pesquisa.

A provocação que dispõe frente às políticas públicas de lazer¹⁴ é o fato de que esta possa possibilitar o desenvolvimento de atividades que tenham como fim sensibilizar no jovem um maior nível de participação, criticidade e criatividade, com intenção de buscar novos valores que possam contribuir com a melhoria da participação cultural, levando à autonomia e à busca pelos direitos, enquanto cidadãos conscientes, no meio social em que vivem.

Desse modo, para que isso ocorra, é indispensável compreender o lazer não como um instrumento de dominação e alienação, que impede uma visão crítica das

¹⁴ “As políticas públicas são aqui compreendidas como as de responsabilidade do Estado – quanto à implementação e manutenção a partir de um processo de tomada de decisões que envolvem órgãos públicos e diferentes organismos e agentes da sociedade relacionados à política implementada”. (HÖFLING, 2001, p. 31).

peessoas e camufla a realidade e os conflitos sociais existentes na sociedade, mas, sim, vê-lo numa perspectiva de outras vivências modificadoras de valores e atitudes. (SAMPAIO, 2011).

É sabido que as ruas tornam-se, cada vez mais, lugares de simples passagem, marcadas pelo crescente número de manifestações populares e pelo aumento do desestímulo da sua utilização enquanto espaço do encontro e de pertencimento da identidade cultural de uma comunidade. Mas é também a partir daí que ressurge a possibilidade de reinstaurar e repensar a cidade como lugar de encontro e de interação, tolerância e respeito às diferenças, de tal modo que reconstruam o prazer e a disposição de estar em público.

Nesse caso, a primeira possibilidade apontada ao norte das políticas públicas de lazer no contexto urbano é a recuperação de espaços e a construção de equipamentos públicos de lazer que integrem os mais diversos jovens. Nesse contexto de alternativas formuladas, faz-se aceitável pensar na relação que algumas instituições têm (ou deveriam ter) com o espaço urbano, na medida em que poderiam proporcionar alguma prática de lazer para a população.

As unidades de ensino, por exemplo, permanecem fechadas nos fins de semana e oferecem poucas possibilidades de integração com os grupos de jovens. Em termos de políticas públicas, não há ações que permitam o uso dos espaços escolares de uma forma diferenciada.

Nesse ínterim, o lazer como proposta oferecida aos jovens, por meio das políticas públicas de natureza estatal, deve ser amplamente discutido com a comunidade e com o segmento juvenil. Resulta daí a necessidade da participação popular, de modo a

democratizar as instâncias de decisão, repartindo responsabilidades e proporcionando o crescimento da organização popular. Nessa concepção:

Os espaços de cultura e lazer, com todas as suas potencialidades, se colocam na perspectiva do direito. [...] Espera-se que uma política pública democrática neste âmbito seja capaz de promover a cidadania [...], para que amplie a capacidade crítica dos jovens frente à tendência das indústrias culturais de homogeneizar e reforçar guetos de identidade (BRENNER *et al.*, 2008, p.31).

Outras propostas dão-se pela realização de mudanças de caráter sustentável em mobilidade (ciclovitária e transporte público), requalificação urbana, planejamento integrado e inserção/inclusão social. Logo, devem-se buscar estratégias e políticas de ocupação do território e de transportes que possam contribuir para uma melhor mobilidade e, por consequência, para a ampliação e a melhoria do acesso ao lazer. Desse modo, o lazer enquanto direito social permite reduzir as desigualdades sociais geradas pela sociedade do mercado e garantir o bem-estar de todos. (MENICUCCI, 2006).

Propõe-se, com isso, a necessidade da participação popular, de modo a democratizar as instâncias de decisão, repartindo responsabilidades e proporcionando o crescimento da organização popular. Aponta-se o norte de ampliação do espaço democrático pela requalificação do espaço público, ao afirmar e contribuir para legitimar o sentimento de pertencimento e de identidade coletiva dos diversos jovens e a relação que estes estabelecem com o espaço público.

Por hora, não se pode esquecer que o lazer, considerado um direito social e um direito fundamental da pessoa humana, preenche e expressa uma lacuna de ações governamentais não consolidadas de maneira plena. Assim, para que, de fato, aconteça e se materialize uma política pública de lazer que possibilite o exercício pleno da

cidadania, é indispensável enfatizar que esta deve se tratar de uma política intersetorial, transversal, que estabeleça interface com outras políticas públicas e que possibilite a apropriação dos espaços e dos equipamentos públicos de lazer.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Mirian. Juventude, juventudes: pelos outros e por elas mesmas. In: **Juventudes: outros olhares sobre a diversidade**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; UNESCO, 2007.

BARBALHO, Alexandre. **A criação está no ar: juventudes, política, cultura e mídia**. Fortaleza: EdUECE, 2013.

BRENNER, Ana Karina *et al.* Juventude brasileira: culturas do lazer e do tempo livre. In: Brasil. Ministério da Saúde. Fundação Oswaldo Cruz. **Um olhar sobre o jovem no Brasil**. Ministério da Saúde, Fundação Oswaldo Cruz. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2008.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. Enclaves fortificados: a nova segregação urbana. **Novos Estudos**, n.47, p. 155-176, 1997. Disponível em: <https://novosestudios.org.br/v1/files/uploads/contents/81/20080626_enclaves_fortificado_s.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2015.

CARMO, Paulo Sérgio. Juventude no singular e no plural. In: HOFMEISTER, Wilhelm (Org.). **As Caras da Juventude**. São Paulo: Fundação Konrad Adenauer, 2001. (Cadernos Adenauer II, n. 6)

CARNEIRO Lara P.; PADILHA, Valquíria. Vendem-se Ilhas de Prazer: o lazer nos anúncios publicitários de apartamentos de alto padrão. **Revista Impulso**, v.16, n.39, p.69-82, 2005.

CATANI, Afrânio Mendes; GILIOTI, Renato de Sousa Porto. **Culturas juvenis: múltiplos olhares**. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

CORDEIRO, Graça Índias; COSTA, Antônio Firmino da. Bairros: contextos e intersecções. In: VELHO, Gilberto. **Antropologia urbana: cultura e sociedade no Brasil e em Portugal**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

CORDEIRO, Maria Celeste Magalhães; CLEMENTINO, Jorbertini Virginio. Políticas públicas de juventude no Brasil: resgate de uma trajetória em construção. In: POCHMANN, Marcio *et al.* **Estado e políticas sociais: fundamentos e experiências**. Fortaleza: IDT, UECE, 2014.

DAYRELL, Juarez. Juventude, grupos culturais e sociabilidade. **Revista de Estudos Sobre Juventude**. Rio de Janeiro, 2005.

_____. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, n. 24, p. 40-52, 2003. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/rbedu/n24/n24a04.pdf>>. Acesso em: 10 fev. 2015.

DIAS SOBRINHO, José. Democratização, Qualidade e Crise na Educação Superior: faces da exclusão e limites da inclusão. **Educação & Sociedade**, Campinas, v.31, n.113, p. 1223-1245, out-dez. 2010.

DIÓGENES, Glória; SILVA, Lara. Territórios urbanos e metrópole: linguagens e signos do grafite. In: CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA: Sociedade, crise e reconfigurações, 7., 2012, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre, 2012. p.1-14. Disponível: https://www.aps.pt/vii_congresso/papers/finais/PAP0498_ed.pdf. Acesso em: 14 de fev. 2015.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Mídia e juventude: experiências do público e do privado na cultura. **Cad. Cedes**, Campinas, v. 25, n. 65, p. 43-58, jan./abr. 2005. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/ccedes/v25n65/a04v2565.pdf>>. Acesso em: 19 de março de 2015.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1994.

GÓIS, João Bosco Hora; SOLIVA, Thiago Barcelos. **A rua e o medo**: algumas considerações sobre a violência contra jovens homossexuais em espaços públicos. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, Caxambu, 21, 2008, **Anais...** Caxambu- MG, 2008. p. 2-15.

GOMES, C. L. Estudos do lazer e geopolítica do conhecimento. **Licere**, v. 14, n. 3, p.1-26, 2011. Disponível em: <<http://seer.lcc.ufmg.br/index.php/licere/article/view/489>>. Acesso em: 15 fev. 2015.

_____. Lazer: necessidade humana e dimensão da cultura. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**. Belo Horizonte, v. 1, n.1, p.3-20, jan./abr. 2014.

GONDIM, Linda M. P. Espaço Público, requalificação urbana e consumo cultural: o Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura e seu entorno. **O Público e o Privado**, n.17, p.59-9, 2011.

_____. O dragão e a cidade: lendas do Ceará. **Museologia e Patrimônio**, v.2, n.2, p.13-23, jul/dez. 2009.

GOUVEIA *et al.* Dimensões normativas do individualismo e coletivismo: é suficiente a dicotomia pessoal vs. social? **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v.16, n.2, pp. 223-234, 2003.

GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ. IPECE Informe (edição especial). **Perfil da juventude em Fortaleza**: aspectos socioeconômicos a partir dos dados do censo 2010. Fortaleza, n. 57, p. 1-20, abri. 2013.

GROPPO, Luís Antonio, **Juventude**: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas. Rio de Janeiro: Art Line, 2000.

HÖFLING, Eloisa de Mattos. Estado e políticas (públicas) sociais. **Cad. CEDES**, v. 21, n.55, p. 30-41, 2001.

LOPES, Roseli Esquerdo et al. Juventude pobre, violência e cidadania. **Saúde soc.**, v.17, n.3, p. 63-76, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-12902008000300008&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 07 jan. 2015.

LUNARDI, Alexandre. **A função social do direito ao lazer nas relações de trabalho**. 2008. Dissertação (Mestrado) - UNIFIEO - Centro Universitário FIEO, Osasco, 2008. Disponível em: <https://www.unifieo.br/files/download/site/mestradodireito/bibliotecadigital/disserta%C3%A7%C3%B5es%202008/diss_alexandre.pdf>. Acesso: 10 de fev. 2015.

MAGNANI, J. G. Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole In: _____.; TORRES, L. de L. (Org.). **Na metrópole**: textos de antropologia urbana. São Paulo, EDUSP/FAPESP, 1996, p. 12-53.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. A relação teoria e prática na formação profissional em lazer. In: ISAYAMA, Hélder Ferreira. **Lazer em estudo**: currículo e formação profissional. Campinas: Papirus, 2010.

_____. O lazer e os espaços na cidade. In: ISAYAMA, Hélder Ferreira; LINHARES, Meily Assbú (Org.). **Sobre lazer e política**: maneiras de ver, maneiras de fazer. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

MASCARENHAS, Fernando. O pedaço sitiado: cidade, cultura e lazer em tempos de globalização. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, v. 24, n. 3, p. 121-143, 2003.

MENICUCCI, Telma. Políticas públicas de lazer: questões analíticas e desafios políticos. In: ISAYAMA, Hélder Ferreira; LINHARES, Meily Assbú (Org.). **Sobre lazer e política**: maneiras de ver, maneiras de fazer. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

NOVAES, Regina. **Juventude e sociedade**: jogos de espelhos. Sentimentos, percepções e demandas por direitos e políticas públicas. Disponível em: <https://www.antropologia.org.br/arti/colab/a38-rnovaes.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2015.

OLIVEIRA, Lucimara Albieri de; MASCARÓ, Juan José. Análise da qualidade de vida urbana sob a ótica dos espaços públicos de lazer. **Ambiente Construído**, Porto Alegre, v. 7, n. 2, p. 59-69, abr./jun. 2007.

PADILHA, Valquíria. O Lazer Contemporâneo: ensaio de filosofia social. **Movimento**, Porto Alegre, v. 10, n. 2, p.147-166, maio/ago. de 2004.

PAIS, José Machado. In: Jovens, bandas musicais e revivalismos triviais. PAIS, José Machado; BLASS, Leila Maria da Silva. **Tribos urbanas**: produção artística e identidades. São Paulo: Annablume, 2004.

RAMOS, Celia Maria Antonacci. Grafite & pichação: por uma nova epistemologia da cidade e da arte. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES DE ARTES PLÁSTICAS DINÂMICAS EPISTEMOLÓGICAS EM ARTES VISUAIS, 2007, Florianópolis. **Anais...** p.1260-1269, Florianópolis.

SAMPAIO, Tânia Maria Vieira; SILVA, Junior Vagner Pereira da (Org.). **Lazer e cidadania**: horizontes de uma construção coletiva. Brasília: Universa, 2011.

SILVA FILHO, Antônio Luiz Macedo e. **Fortaleza**: imagens da cidade. Fortaleza: - Museu do Ceará / Secretaria da Cultura e Desporto do Estado do Ceará, 2001.

SPOSITO, Marília Pontes. A sociabilidade juvenil e a rua: novos conflitos e ação coletiva na cidade. **Tempo Social**; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, v.5, n.2, p-161-178, 1993. (editado em nov.1994).

STOPPA, Edmundo Antonio. **Gestão de esporte e lazer**: análise dos espaços e equipamentos públicos de esporte e lazer em Ermelino Matarazzo, Zona Leste de São Paulo. São Paulo: Plêiade, 2011.

Endereço das Autoras:

Francisca Rejane Bezerra Andrade
Rua Joãozito Arruda, n. 2250 casa 30 – Cidade dos Funcionários
Fortaleza – CE – 60.824-075
Endereço Eletrônico: rejane.bezerra@uece.br

Tereza Nair de Paula Pachêco
Rua Nogueira Acioli n. 1481 apto. 101B - Centro
Fortaleza – CE – 60.110-140
Endereço Eletrônico: terezappacheco@hotmail.com